



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PIAUÍ- IFPI
CAMPUS TERESINA CENTRAL
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

KAELY MORAIS DOS SANTOS

EDUCAÇÃO E A DIVERSIDADE SEXUAL:
A COMPREENSÃO DOS/AS PROFESSORES/AS DE CIÊNCIAS DO ENSINO
FUNDAMENTAL SOBRE A SEXUALIDADE

TERESINA/PI

2020

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PIAUÍ- IFPI
CAMPUS TERESINA CENTRAL
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

KAELY MORAIS DOS SANTOS

EDUCAÇÃO E A DIVERSIDADE SEXUAL:
A COMPREENSÃO DOS/AS PROFESSORES/AS DE CIÊNCIAS DO ENSINO
FUNDAMENTAL SOBRE A SEXUALIDADE

Pesquisa apresentada ao curso de Ciências Biológicas pelo Instituto Federal do Piauí- IFPI como requisito para as diretrizes de Trabalho de Conclusão de curso.

Orientadora: Prof^a Ms.: Luciana Farias de Araújo Andrade

TERESINA/PI

2020

KAELY MORAIS DOS SANTOS

EDUCAÇÃO E A DIVERSIDADE SEXUAL:

A COMPREENSÃO DOS/AS PROFESSORES/AS DE CIÊNCIAS DO ENSINO
FUNDAMENTAL SOBRE A SEXUALIDADE

Pesquisa apresentada ao curso de
Ciências Biológicas pelo Instituto Federal
do Piauí- IFPI como requisito para as
diretrizes de Trabalho de Conclusão de
curso.

Teresina/PI 06 de Novembro de 2020

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a. Ma. Luciana Farias de Araújo Andrade.

Prof^a. Dr^a. Emanoela Moreira Maciel.

Prof^a. Ma. Lídia Cristina de Oliveira.

EDUCAÇÃO E A DIVERSIDADE SEXUAL:
A COMPREENSÃO DOS PROFESSORES DE CIÊNCIAS DO ENSINO
FUNDAMENTAL SOBRE A SEXUALIDADE

Kaely Moraes Dos Santos¹

Luciana Farias de Araújo Andrade²

RESUMO

A pesquisa discute os temas transversais sexualidade e diversidade sexual evidenciando a importância do enfoque sobre a temática no contexto social atual e verificando como ocorre sua abordagem a partir das metodologias utilizadas pelos professores de ciências. Partindo desse pressuposto o objetivo desse estudo foi analisar como os professores/as de ciências que atuam na rede pública e privada de ensino fundamental em turmas de 8º ano abordam o conteúdo da sexualidade e diversidade sexual em sala de aula, e se realizado de forma transversal para além da dimensão biológica. Este estudo é de cunho qualitativo baseando-se em métodos descritivos e exploratórios por meio de entrevistas com questões semiestruturadas, objetivas e subjetivas com docentes. Foram realizadas 13 entrevistas com professores/as colaboradores/as de distintas instituições da cidade de Teresina/PI, sendo 3 de escolas de rede privada e os outros 10 de escolas de rede pública, com faixa etária entre 20 e 50 anos. As perguntas para a entrevista abordavam temas: qualificação do professor para abordar o conteúdo em sala, conhecimentos sobre o tema, relação da família, importância de discutir sexualidade e gênero na escola além de dúvidas frequente dos alunos sobre o tema. Os resultados indicam que os professores consideram importante a abordagem da dimensão sexualidade e ofertam esse conhecimento aos seus alunos. Foi possível constatar que o conteúdo é abordado pelos professores nas escolas, porém apenas por buscas individuais de conhecimentos, já que não possuem uma formação específica sobre o tema. Identificou-se que os professores entendem a importância do aprendizado das informações sobre o conteúdo e acham interessante a abordagem em sala já que existe a resistência familiar sendo considerado como “tabu” e preconceito. Em vista da realidade social atual e da maturação precoce das crianças e adolescentes o tema faz-se necessário gradualmente nas escolas para que preconceitos sejam desconstruídos e informações transmitidas.

Palavras-chave: Educação. Sexualidade. Ensino Fundamental. Formação Docente.

¹Licencianda em Ciências Biológicas, Licenciatura em Ciências Biológicas, Instituto Federal do Piauí/IFPI- Campus Teresina Central.

² Mestre em Sociologia; Professora DE do IFPI- Campus Teresina Central.

EDUCATION AND SEXUAL DIVERSITY: UNDERSTANDING SCIENCE TEACHERS UNDERSTANDING SEXUALITY.

Kaely Moraes Dos Santos³

Luciana Farias de Araújo Andrade⁴

ABSTRACT

The research discusses the transversal themes of sexuality and sexual diversity, highlighting the importance of focusing on the theme in the current social context and verifying how its approach occurs from the methodologies used by science teachers. Based on this assumption, the objective of this study was to analyze how science teachers who work in public and private elementary schools in 8th grade classes approach the content of sexuality and sexual diversity in the classroom, and if carried out in a transversal way beyond the biological dimension. This study is of a qualitative nature based on descriptive and exploratory methods through interviews with semi-structured, objective and subjective questions with teachers. 13 interviews were conducted with teachers from different institutions in the city of Teresina / PI, 3 from private schools and the other 10 from public schools, aged between 20 and 50 years. The questions addressed topics: teacher qualification to address content in class, knowledge about the topic, family relationship, importance of discussing Sexuality and Gender at school, in addition to the most frequent doubts among students on the topic. The results indicate that teachers consider the sexuality dimension approach to be important and offer this knowledge to their students. It was possible to verify that the content is approached by teachers in schools, but only by individual searches for knowledge, since they do not have specific training on the topic. It was identified that teachers understand the importance of learning information about the content and find the approach in the classroom interesting since there is family resistance being considered as “taboo” and prejudice. In view of the current social reality and the premature maturation of children and adolescents, the theme is gradually necessary in schools so that prejudices are deconstructed and information transmitted.

Keywords: Education. Sexuality. Elementary School. Teacher Training.

³ Licencianda em Ciências Biológicas, Licenciatura em Ciências Biológicas, Instituto Federal do Piauí/IFPI- Campus Teresina Central.

⁴ Mestre em Sociologia; Professora DE do IFPI- Campus Teresina Central.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. OBJETIVOS	3
2.1 Objetivo geral	4
2.2 Objetivos específicos	4
3. CAMINHOS PERCORRIDOS	4
4. RESULTADO E DISCUSSÃO.....	6
4.1 PERFIL DAS ESCOLAS DE ENSINO FUNDAMENTAL II	6
4.2 PERFIL DOS DOCENTES.....	6
4.3 CONHECIMENTOS DOS PROFESSORES SOBRE O TEMA SEXUALIDADE.....	8
4.4 A METODOLOGIA, O CONTEÚDO E A RELAÇÃO DO DOCENTE COM OS ALUNOS.....	12
4.5 A SEXUALIDADE NA ESCOLA.....	15
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	18
REFERÊNCIAS.....	21
APÊNDICES.....	24
APÊNDICE A – ROTEIRO.....	24
APÊNDICE B- TERMO DE CONSENTIMENTO.....	25

1 INTRODUÇÃO

O tema da Sexualidade e da Diversidade Sexual geram incontáveis discussões no âmbito social, familiar, na saúde e nas escolas. Apesar da tamanha repercussão não é uma questão recente. Devido a sua complexidade, diante das incertezas sociais, e da constante modificação e transformação, faz-se necessário desmistificar conceitos em meio aos desafios atuais. Desta forma o tema tem sido alvo de diferentes estudos que envolvem a sociedade em todas as etapas da vida, e nas várias faixas etárias.

A sexualidade humana segundo Lunardi (2015) não se restringe a um corpo que possibilita reprodução, que engravida, que adoece e que se previne. É uma construção pessoal/social que se forma ao longo da vida, num processo contínuo e complexo, que articula aspectos biológico, fisiológicos, psicológicos, sociais, culturais e históricos, e que pode ser vivenciada a partir de diferentes possibilidades em relação às orientações sexuais e às identidades de gênero.

Mas quando se iniciou de fato a inserção da temática Sexualidade como objeto de estudo? Com o avanço das discussões políticas a respeito dos direitos sexuais e reprodutivos, em que o movimento feminista teve forte participação, em meados do século XX, ampliaram-se as discussões acerca da Sexualidade para além do caráter biológico, possibilitando que fosse compreendida como prática aliada à saúde física e mental (SFAIR; BITTAR; LOPES, 2015; TAQUETTE, 2013).

Tendo em vista o progresso e contribuições políticas que abordaram a temática, há inúmeros documentos que colaboraram para o reconhecimento da Sexualidade como sujeito educativo, dentre estes temos a Declaração da IV Conferência Mundial sobre a Mulher, realizada em Pequim (1995) pronunciando sobre os temas de direitos humanos, igualdade, conceito de gêneros, desigualdades sociais, além da transversalidade como método inovador.

Desta maneira por meio de políticas públicas governamentais o acesso a informações relativas à reprodução, desigualdade, gênero e saúde sexual, permitem o desenvolvimento de ações que contribuam com algumas problemáticas associadas a Sexualidade como: aborto, gravidez na adolescência, métodos contraceptivos.

Assim, a temática complementa definições em sua caracterização que ainda precisam ser desmistificadas, como os conceitos de: Sexualidade, Gênero e Sexo Biológico. De acordo com Silva (2009)

A sexualidade é uma condição humana que começa a se formar na infância, continua sendo construída na adolescência e se manifesta diferentemente nas várias fases da vida. Esta abrange a relação sexual, o erotismo, o prazer, a orientação sexual e a reprodução; se expressa por meio de pensamentos, fantasias, desejos, comportamento e relacionamentos e é influenciada por fatores biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, éticos, legais, históricos e religiosos.

Segundo Arán (2006) quanto ao conceito de sexo biológico esclarece que são os órgãos reprodutivos, os quais são programados e fixados ao corpo orgânico, conhecidos por pênis, vagina ou ambos. Desta maneira sexo refere-se ao ponto de vista biológico, a distinção entre feminino e masculino. Já o termo gênero pode ser definido como o que identifica e diferencia os homens e as mulheres rotulando em gêneros femininos e masculinos.

A problemática das relações de gênero surge explicitamente nos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCN), com um conjunto de conteúdos sobre o Tema Transversal Orientação Sexual, com o objetivo de contribuir no desenvolvimento dos alunos para a execução de uma Sexualidade com prazer, saúde e responsabilidade, realizando de modo a combater preconceitos que atrapalham a valorização do respeito ao próprio corpo, e o respeito ao corpo e aos sentimentos dos parceiros, na perspectiva do respeito mútuo e da convivência solidária.

Logo o documento afirma a importância do tema transversal “Orientação Sexual” a partir do aumento da “gravidez indesejada”⁵ entre as adolescentes, e por conta da prevenção à Aids e Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), pois sua proposta procura considerar todas as dimensões da Sexualidade: a biológica, a psíquica e a sociocultural, além de suas implicações políticas (BRASIL, 1998).

Segundo as propostas da *Base Nacional Comum Curricular* (BNCC- Ciências da Natureza, 2017) para os anos finais do Ensino Fundamental, afirma que a medida que se aproxima a conclusão, é necessário que os alunos tenham condições de ser protagonistas na escolha de posicionamentos que valorizem as experiências pessoais e coletivas, e representem o autocuidado com seu corpo e o respeito com o do outro, na perspectiva do cuidado integral à saúde física, mental, sexual e reprodutiva.

Assim, na unidade temática: Vida e evolução, para as turmas de 8ª ano, os objetos de conhecimento compreendem: Mecanismos Reprodutivos, e Sexualidade,

⁵ Cerca de 19% das mulheres jovens em países em desenvolvimento engravidam antes dos 18 anos. Meninas menores de 15 anos contabilizam 2 milhões dos 7,3 milhões de partos que ocorrem em adolescentes menores de 18 anos a cada ano nos países em desenvolvimento (UNFPA, 2013).

desta maneira, abrangendo habilidades quem envolvem explicar as transformações que ocorrem na puberdade considerando a atuação dos hormônios sexuais e do sistema nervoso, comparar o modo de ação e a eficácia dos diversos métodos contraceptivos e justificar a necessidade de compartilhar a responsabilidade na escolha e na utilização do método mais adequado à prevenção da gravidez precoce e indesejada e de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), além de selecionar argumentos que evidenciem as múltiplas dimensões da sexualidade humana (biológica, sociocultural, afetiva e ética), (BRASIL, 2017).

A abordagem de tais conteúdos na disciplina de Ciências Naturais em sua historicidade sempre esteve atrelada às discussões médicas relacionadas à aspectos reprodutivos e prevenção de IST. Desta maneira quando abordados na escola nos currículos de Ciências Naturais restringem apenas as disciplinas de Ciências e Biologia, discutindo a Sexualidade nas dimensões anatômicas, fisiológicas, morfológicas, relacionando à gravidez e aspectos biológicos, rejeitando os aspectos culturais e sociais.

O professor não precisa ser especialista em Educação Sexual, mas apenas um profissional capacitado sobre determinados temas e saberes, capaz de criar contextos pedagógicos e selecionar estratégias enquanto professor/a de Ciências. Segundo Santos e Araújo (2009), se o professor não estiver preparado para lidar com essa discussão ela não ocorrerá na prática.

Associado a compreensão reflexiva da investigação, a relevância deste trabalho busca investigar os professores de ciências do Ensino Fundamental II de 8º ano ao abordar o conteúdo da Sexualidade, deste modo verificar se realizado para além do biológico e reconhecendo em sua prática de ensino às questões relativas aos aspectos sociais e culturais sobre a temática. Bem como, suas capacitações na formação docente, ao investigar seus conhecimentos em torno da Diversidade Sexual e suas reflexões a respeito das diferenças de Sexo, Gênero e Sexualidade, assim, identificar os tabus e preconceitos referentes à dimensão da sexualidade, os tipos de metodologias utilizadas, além das dificuldades e obstáculos para tal abordagem no ambiente escolar.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

- Investigar a abordagem dos professores de ciências do ensino fundamental de 8º ano ao ministrar o conteúdo de Sexualidade, e caso ministrem, se realizado de forma transversal e para além do biológico.

2.2 Objetivos específicos

- Identificar o conhecimento dos docentes em torno do tema da Diversidade Sexual identificando tabus e preconceitos referentes à dimensão da Sexualidade;
- Verificar a compreensão do docente quanto aos aspectos culturais e sociais em torno da Sexualidade;
- Identificar se o docente de ciências possui conhecimento quanto à diferença de Sexo, Gênero e Sexualidade.

3. CAMINHOS PERCORRIDOS

O estudo é de caráter qualitativo, adotado com um propósito descritivo e exploratório. Segundo Gil (1999) considera que a pesquisa exploratória tem como objetivo principal desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. Já a maneira descritiva conforme Selltitz et al. (1965), busca descrever um fenômeno ou situação em detalhe, especialmente o que está ocorrendo, permitindo abranger, com exatidão, as características de um indivíduo, uma situação, ou um grupo, bem como desvendar a relação entre os eventos.

A pesquisa foi realizada na cidade de Teresina/PI em um total de 13 escolas localizadas em diferentes bairros da cidade, sendo estas de ensino público e privado. As escolas públicas denominadas: Escola Municipal Mocambinho, CETI Pequena Rubim, a Unidade Escolar Dom Severino, Escola Municipal Poeta da Costa e Silva, Escola Municipal professor José Gomes Campos, Escola Municipal Iolanda Raulino, Unidade Escolar Professor Milton Aguiar, Escola Municipal João Paulo I, E.M Olímpio Castro de Oliveira, e CETI Solange Sinimbu Viana Area Leão. Instituições privadas intituladas Colégio Gregória Bandeira, Educandário Maria de Souza Sena e Instituto Educacional São Mateus.

As entrevistas foram realizadas com 13 docentes de Ciências que atuam no ensino básico em turmas de 8º ano do Ensino Fundamental II. Do total de docentes 11 atuavam nas instituições de ensino público e apenas 3 no ensino privado com faixa etária entre 25 e 50 anos.

As entrevistas foram individuais contendo um total de 20 questões semiestruturadas. O tratamento analítico dos dados foi por meio da análise de discurso, baseado na fala dos/as professores/as no qual a conclusão foi executada na transcrição das falas e a organização dos “mapas de associações de ideias” com o objetivo de sistematizar a análise (APOLINÁRIO, 2006; SPINK, 2010).

A escolha por professores que atuam em turmas de 8ª ano do Ensino Fundamental II se justifica pelos conteúdos abordados nesta série, referentes ao estudo da anatomia e fisiologia dos seres humanos, como: reprodução, corpo, métodos contraceptivos, tendo em vista analisar a relação dos conteúdos assimilados com a temática estudada. Além de destacar a importância da discussão da temática não apenas nas turmas de 8ª ano, mas, nas demais séries do Ensino Fundamental II.

Tratando-se de uma pesquisa realizada com seres humanos, segundo Brasil (2012) prezamos pelo respeito e proteção devida aos participantes das pesquisas científicas, estabelecidos na Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional da Saúde, os participantes assinalaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido -TECLE (Apêndice A). As entrevistas com os/as docentes transcorreram-se por meio de gravações de áudio, preservando a imagem e a identidade dos/as colaboradores/as. Os/As entrevistados/as são identificados por: P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7, P8, P9, P10, P11, P12, P13.

No contato inicial obtive informações com a escola apresentando o objetivo da pesquisa e proposta, e então direcionada para os docentes para reapresentação, esclarecendo as características da pesquisa, e sua livre escolha em participação. Todos os docentes envolvidos escolheram participar espontaneamente. O roteiro da entrevista (Apêndice B) é catalogado pelos temas: (1) Perfil das escolas de Ensino Fundamental II, (2) Perfil dos docentes, (3) Conhecimento dos professores sobre o tema Sexualidade, (4) A metodologia, o conteúdo e a relação do docente com os alunos, (5) Sexualidade na escola.

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

4.1 PERFIL DAS ESCOLAS DE ENSINO FUNDAMENTAL II

A pesquisa conta com um total de 13 escolas, incluindo instituições de ensino público e privado, no qual encontram-se os professores colaboradores atuantes com turmas de 8º ano do Ensino Fundamental II, desta maneira, parte da coleta constituiu-se em analisar e registrar o perfil das instituições visando acréscimo de informações em torno das características das escolas que os professores selecionados lecionam.

Todas as instituições estão localizadas na cidade de Teresina/PI, sendo 10 de rede pública, e 3 de rede privada. (7) Zona Norte, (3) Zona Sudeste, (1) Zona Leste, (2) Zona Sul. A ideia era ter um quantitativo igual de escolas públicas e privadas, mas encontramos muitas dificuldades para adentrar com a pesquisa nas escolas privadas. Nas escolas da rede pública tivemos uma abertura melhor. A quantidade total de alunos das escolas varia entre 108 a 750 nos turnos manhã, tarde e noite. O número de turmas de 8º ano de Ensino Fundamental II em cada instituição varia entre 1 a 4 turmas nos turnos manhã e tarde.

4.2 PERFIL DOS DOCENTES

As perguntas iniciais foram em torno de dados relevantes ao perfil profissional do docente como: Formação acadêmica, ano de conclusão e atuação, além da faixa etária. De início foi questionado suas formações acadêmicas, quanto a graduação, especialização, mestrado e doutorado. Os dados mostram que os (13) professores são devidamente licenciados e habilitados em Ciências Biológicas, dentre estes, (10) possuem especialização e apenas (2) mestrados. Entre as pós-graduações temos:

P1: *“Especialização em gestão ambiental, metodologia do ensino da biologia e da química, educação em matemática, psicopedagogia e estava terminando docência superior”.*

P3: *“Especialização em Psicopedagogia*

P4: *“Mestrado em docência”.*

P8: *“Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente.”*

De acordo com o perfil docente, considera-se positiva a busca pela formação continuada, agregando ao curriculum profissional e a sua atuação. Os dados mostram que os docentes possuem especializações variadas, que se encaminham a um aprofundamento entre as áreas de metodologia do ensino da biologia, até à

psicopedagogia, além de abranger mestrados, e especializações convergentes aos demais segmentos da Biologia, como Gestão Ambiental. Do total apenas (1) não possui especialização, sem justificar a ausência da qualificação.

No entanto vale destacar que não há nenhuma formação dentre as apresentadas que tenha preparado o/a docente para desenvolver a dimensão de conteúdos sobre Sexualidade e Diversidade Sexual de forma transversal nas suas aulas como orienta o documento *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCN), Orientação Sexual. Portanto não é só frequentando um curso de graduação que um indivíduo se torna profissional. É, sobretudo, comprometendo-se profundamente na busca de novos saberes, tornando-se construtor de uma práxis que o profissional se forma (FAVERO,1992).

A segunda pergunta refere-se à instituição de formação, e a data de conclusão de curso. Já a questão seguinte, indaga o tempo de atuação docente. Como pode-se observar na tabela posterior os docentes concluíram suas graduações em instituições públicas e de referência na cidade.

Tabela 1: Local de formação e data de conclusão de curso.

	Instituição	Data de Conclusão	Tempo de atuação
P1	UFPI	Não Identificado	35 anos
P2	UESPI/FAETE	2009/2010	17 anos
P3		2018	1 ano e meio
P4	UESPI	2012	4 anos
P5	UESPI	Não Identificado	19 anos
P6	IFPI	Não Identificado	5 anos
P7	UFPI	2017	Não identificado
P8	UFPI	Graduação (2016)	5 anos
		Mestrado (2019)	
P9	UESPI	2003	16 anos
P10	UESPI	1996	20 anos
P11	UESPI	Não Identificado	24 anos
P12	UFPI	2016	6 anos
P13	IFMA	Não Identificado	5 anos

Fonte: Autor, 2020

Quanto a data de conclusão de curso, (5) não especificaram o ano, porém é possível observar que os anos de conclusões variam entre 1996 a 2019 incluindo um

mestrado. Quanto ao tempo de atuação varia dos 35 anos (P1), a 1 ano e meio de carreira no magistério, mostrando as alternâncias em experiência ao longo da carreira profissional de cada docente.

Outro quesito referente ao perfil dos docentes é o sexo, e os dados revelam que (9) são do sexo feminino e (4) sexo masculino, com idade entre 25 e 50 anos, possibilitando observar que a média de idade não ultrapassa 51 anos. Já com faixa etária entre 25 e 30 anos (7) docentes, (1) de 31 a 40 anos, e (5) entre 41 e 50 anos. Desta maneira o grupo se constitui por professores com diferentes faixas etárias que podem refletir em distintos pensamentos e posturas relacionadas as dimensões referentes as discussões de Sexo, Orientação Sexual e o exercício da Sexualidade.

Permitindo destacar que as graduações e os documentos que baseiam o Ensino de Ciências e Biologia, perpassaram por grandes mudanças e atualizações na grade curricular durante as épocas. Desta maneira é possível que haja uma lacuna na formação do professor quando se trata dos temas relacionados a Sexualidade e Diversidade Sexual no período correspondente a cada graduação.

4.3 CONHECIMENTOS DOS PROFESSORES SOBRE O TEMA SEXUALIDADE

Quando indagados sobre: *Você tem conhecimentos sobre o tema transversal sexualidade?* (13) mostraram obterem informações sobre o tema, e alguns justificaram de que maneira e o porquê da abordagem para os alunos.

P2: *“Tenho, já fiz até projetos e tudo.”*

P4: *“Sim. A gente tem que abordar né? Ainda mais hoje que tem a questão de bullying, quanto mais você abordar com os alunos deixar mais esclarecido melhor para eles poderem agir.”*

P5: *“Superficialmente.”*

P12: *“Pouco.”*

Segundo os resultados todos os docentes possuem conhecimentos, mesmo que moderadamente em torno do conteúdo. Ainda assim, mostram limitações ao deparar-se com situações que exigem reflexão e apresentação de informações críveis aos discentes. Contudo vale destacar (P2) a segurança apresentada no seu discurso, pois além de conhecer a temática, desenvolveu projetos com os alunos, e (P4) que acrescenta a importância de ser abordado, pelas perspectivas sociais em torno das práticas de atos violentos como o bullying.

É possível constatar que os educadores compreendem a necessidade de abordar temas como Sexo e Sexualidade estabelecendo uma relação com o cotidiano e as problemáticas em torno da sociedade. É uma forma de entender a realidade como ela se apresenta no seu funcionamento, a partir de muitos meios que a explicam. (LUCKESI,1992).

Ao serem questionados sobre as PCN's e a respeito da "Orientação Sexual na escola", caso afirmassem conhecimento os/as professore/as teriam de relatar o que sabiam a respeito. Dentre as confirmações destacam-se.

P1: *"Sim, é um tema transversal, a sexualidade é bem abrangente, envolve aspectos biológicos, sociais e psicológicos, deve ser abordado na escola não só na disciplina de ciências, mas de forma transversal."*

P4: *"Sim. Tem os temas. As PCN trazem os temas, e sexualidade, esse é um dos temas, que a gente tem que abordar não só esse, mas todas elas."*

P7: *"Apesar de ter entrado há quase três décadas como tema transversal, ainda é uma temática pouco explorada tendo em vista que os casos de gravidez na adolescência ainda persistem na sociedade [...]".*

P8: *"Sim, acredito que tudo nas diretrizes é muito bonito e bem explicado, mas na realidade nem todos os pontos são abordados, é contexto mais geral, pouco discutido. É visto mesmo como caráter obrigatório de currículo e só isso."*

Nos relatos (10) afirmaram conhecer as orientações do documento, e percebe-se pelos discursos que compreendem sua abrangência, e seu envolvimento nos aspectos biológicos, sociais e psicológicos. Afirmam que cada professor possui o documento e que esses temas apesar de complexos, são necessários não apenas nas disciplinas de ciências, mas em todas as outras. Tal complexidade observada no discurso pode resultar do não conhecimento do tema e a dificuldade de articulação dessa temática ao conteúdo trabalhada nas aulas de Ciências (GRAZIOTIN, 2009; VIANA, 2010)

Acrescentando aos conhecimentos sobre as PCN, (P7) fez uma reflexão coerente ao dizer, mesmo que o tema já esteja presente a um tempo no documento, ainda é pouco explorado, enfatizando a importância da abordagem devido ao aumento nos casos de gravidez na adolescência. E agregando aos demais (P8) concorda que se torna mais fácil trabalhar o tema teoricamente, que na prática em sala de aula, relatando que nem todos os pontos importantes são discutidos e abordados.

Quando indagados em suas experiências profissionais, se acreditam que no contexto atual faz-se necessário trabalhar o ensino de sexualidade nas salas de aulas.

Os (13) responderam “Sim”, (P3) citou *“Não apenas necessário, mas sim uma obrigação, porque com as tecnologias, principalmente internet os alunos têm acesso a várias informações e eles não sabem discriminar essas informações. É obrigatório a escola fazer já que a família não faz”*.

A fala do docente mostra que a disponibilização de informações aleatórias sem direcionamento correto, pode causar uma confusão na aprendizagem, tornando o papel da escola orientar e direcionar o tema dirimindo as informações erradas, já que muitas vezes a família não faz seu papel de educar e nortear os filhos na dimensão do exercício da Sexualidade, no conhecimento sobre o corpo, afetos, autocuidado. E essa ausência de diálogo familiar por vezes reflete na carência de informações sobre o tema, vergonha e preconceito.

Quando questionado aos professores se consideram capacitados para tratar sobre sexualidade com os alunos, (9) professores responderam “Sim” para abordar o conteúdo, (2) bem preparados, (1) outros, (1) pouco preparado. De acordo com as falas, embora com conhecimentos restritos sobre a temática, são capazes de explanar informações para os alunos. Chamo atenção para esse resultado tendo em vista que os professores entrevistados não realizaram nenhuma formação específica nessa área. Pois “é necessário que o educador tenha acesso à formação específica para tratar de sexualidade com crianças e jovens na escola, possibilitando a construção de uma postura profissional e consciente no trato desse tema.” (BRASIL, 1998, p.303)

Na opção “Outros” (P1) expressou-se citando a necessidade da formação continuada, *“Nós nunca estamos “acabados”, nunca estamos 100%, já fiz vários cursos nessa área, estou sempre procurando me atualizar mais ainda, porque vai mudando, inclusive na sexualidade a mudança foi incrível com a diversidade sexual.”*

Vale destacar que professores como sujeitos socioculturais são também afetados por esta necessidade de atualização de conhecimentos e competências. A sua vida profissional deve organizar-se de modo que tenham oportunidade de aperfeiçoar sua arte de educar (DELORS, 2003).

Em uma das justificativas permite uma importante reflexão, (P3) diz: *“Sobre sexualidade somos formados para explicar toda a parte biológica, então toda parte biológica a gente é preparado pra ensinar, mas quando vai trabalhar esse assunto existem muito mais questões sociais, psicológicas, de relacionamento emocionais, do que a gente costuma [...] a gente vai trabalhando e vai aparecendo várias vertentes, e as vezes, a gente não sabe a situação do aluno, o contexto e acaba passando assim,*

em feridas que os alunos tem de ter na família, ou de ter passado a sério, de ter também passado por algum tipo de violência sexual [...]”.

Essa fala remete um ponto fundamental desse estudo que busca verificar se o professor tem a consciência e capacidade na abordagem dos conteúdos que envolvem Sexualidade e Diversidade Sexual. Por isso acredita-se na necessidade da formação para lidar com essas questões já na graduação, sendo fundamental para os futuros docentes de Ciências Biológicas, no sentido de promover um olhar sensibilizado e uma prática docente reflexiva para essas questões, em especial a abordagem da educação sexual, pensando inclusive possíveis soluções para o problema da violência sexual, atentando que crianças e adolescentes são sujeitos ativos (LANDINI, 2011).

Quando perguntado em relação ao *medo* ou *receio* de falar sobre Sexualidade com alunos/as. Se “*Sim*” deveriam identificar qual seria o medo. Vejamos: (11) assinalaram *não*, e (2) relataram *outros*.

Alguns professores que negaram, fizeram questão de explicar detalhadamente seus pensamentos, o (P1) diz “*porque já estou acostumada a muitos anos trabalhar, agora a gente tem que ter muito cuidado, porque muitas vezes a gente não é entendido, e eu já tive colegas que foram processados[...]os pais disseram que estavam induzindo a relação sexual*”.

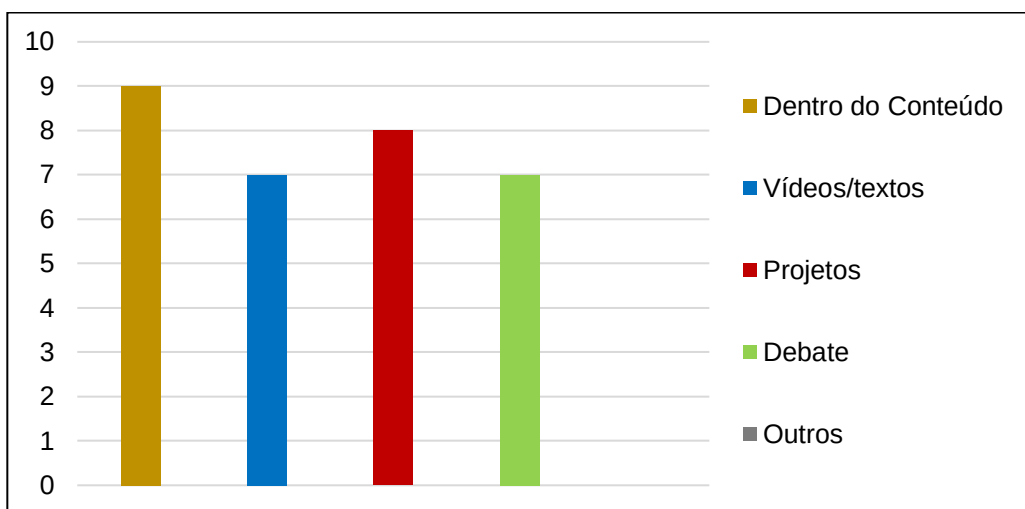
Em um segundo relato (P5) debate a necessidade de iniciar o trabalho desses conteúdos em séries anteriores “[...] *já acho muito tardio falar de sexualidade só no 8º ano. Porque os alunos começam a despertar esse interesse muito cedo*”. No item *outros* (P7) destacou o “*receio de ser mal interpretado pelos pais sobre o assunto*”. E continua a dizer “*Inclusive muitos alunos conversam, se abrem comigo por não ter esse tipo de conversa com os pais ou responsáveis*”.

Tais discursos desvelam o quão importante é se a família se dispusesse a buscar informações e reflexões sobre as questões relacionadas a Sexualidade, construindo o alicerce da família com a escola, ou seja, existe a necessidade da família se envolver, estabelecendo uma relação de confiabilidade e valorizando toda ação de ensino-aprendizagem sobre a sexualidade humana, seja a nível de informações básicas, conhecimento e/ou discussões e reflexões sobre valores, normas, sentimentos, emoções e atitudes relacionadas à vida sexual dos jovens. (FIGUERÓ, 2009, 1996)

4.4 A METODOLOGIA, O CONTEÚDO E A RELAÇÃO DO DOCENTE COM OS ALUNOS

Ao indagar se haviam trabalhado a temática Sexualidade em suas aulas, e quais metodologias desenvolveram, somente (1) docente, (P6) respondeu que “não”, alegando não ter tido oportunidade. Os demais afirmaram, apresentando suas abordagens citando várias alternativas como mostra o gráfico a seguir.

Figura 1: Você já trabalhou com o tema Sexualidade em suas aulas?



Fonte: Autor (2020)

O gráfico apresenta como os professores abordaram o conteúdo. (0) “Outros”, (9) “Dentro do conteúdo”, (8) “Projetos”, mostrando uma maneira dinâmica para trabalhar um tema complexo. (7) “Vídeos/textos” e “Debates”.

Nesse sentido responderam mais de uma alternativa que, de acordo com suas experiências proporcionam melhores condições na abordagem da Sexualidade. (P3) acrescenta como o diálogo, debates e apresentações provocam melhor interação dos alunos, “[...] eles adoram expor, é o momento que eles expõem as opiniões deles, homossexualidade eles gostam muito de falar essa questão de orientação sexual, e opção sexual, questão de gênero eles adoram isso”. Assim quanto mais diversificada as metodologias, mais confiante o/a aluno/a se sente para enfrentar seus desafios e participar das aulas. Como afirma Silveira (1999, p.31) crie um ambiente de descontração proporcionando maior liberdade de expressão para tratar de informações científicas, mitos, tabus e preconceitos.

Quando perguntados se consideram importante ter o conhecimento sobre Sexualidade para sua prática docente (13) responderam “Sim”, alguns destacaram “Muito importante” e “Essencial”. E para além da docência, de acordo com (P3) *“Não só para prática docente, mas também pro convívio social, a gente tem que saber pra poder respeitar, conhecer pra poder respeitar, e não cometer aquela violência velada que a sociedade comete com todo mundo”*.

Esse discurso corrobora com o que diz Tanferi (2013) “a sexualidade influencia profissionalmente, transformando a visão social, ético e cultural, de modo individual e coletiva”, ou seja, a sexualidade não é apenas um componente da personalidade, mas como o indivíduo se manifesta perante si aos outros. Nesse sentido (P8) dá ênfase: *“acredito que deveríamos ter algum curso de formação continuada nessa temática”*. Essa afirmativa demonstra a lacuna na formação do docente em Ciências/ Biologia.

Sobre a família cumprir seu papel em relação a informações sobre Sexualidade. Os docentes responderam (4) Sim, (9) Não, demonstrando que os alunos chegam nas escolas carentes de informações sobre Educação Sexual. (P7) acrescentou *“[...]grande maioria dos alunos mostram uma certa carência dessas conversas e afetos inclusive. Evidenciando que os pais estão de certa forma omitindo ou “empurrando com a barriga”*. Para (P4) *“[...] não é totalmente a escola que faz isso, então a gente complementa essa parte, o aluno tem que trazer já alguma coisa de casa. Os pais deixam muito esse papel apenas para a escola”*.

Como a Sexualidade ainda é um tema pouco comentado no âmbito familiar, permite que a troca de informações entre amigos seja mais realizada. Segundo Suplicy (1983) nossas crianças chegam na escola com todo tipo de informação e comumente com uma atitude negativa em relação ao sexo, as dúvidas, as crendices e posições negativas serão transmitidas aos colegas.

A discussão seguinte envolve em quais meios acreditam influenciar nos conhecimentos sobre Sexualidade nas crianças/adolescentes. Nos meios de comunicação indicados, os professores destacaram várias alternativas, (12) Internet e (10) Televisão. Através destes meios de comunicação a criança/adolescente encontra-se diante de muitas informações, nem sempre dispostas de maneira correta, dificultando que o sujeito construa um posicionamento adequado.

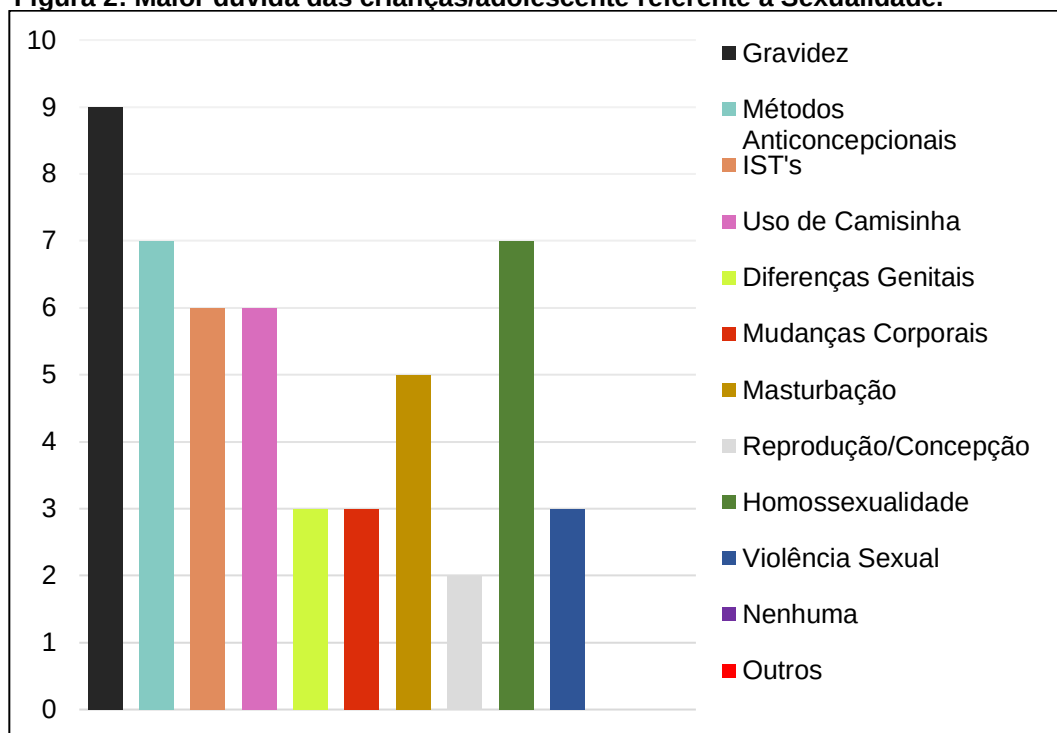
Entre os citados, (6) Filmes, (2) Outros, (1) Brincadeira de meninos/ meninas e (0) Informações transmitidas pelas pais. Os professores consideram que filmes são um grande influenciador sexual, no entanto o item que cita “informações transmitidas

pelos pais”, sem indicativos mostra o quanto a educação familiar não é realizada, segundo os professores.

Na opção (Outros) dois docentes relataram, “*Sites pornôs*” e “*Conversas com colegas*”, como influenciadores, baseando-se que a juventude com a fácil disponibilização da internet, termina fortalecendo suas ideias sobre sexo e sexualidade a partir da banalização.

São muitas as maneiras de trabalhar Educação Sexual. Diante dessa situação, os professores foram indagados sobre quais seriam as maiores dúvidas das crianças/adolescentes sobre Sexualidade.

Figura 2: Maior dúvida das crianças/adolescente referente a Sexualidade.



Fonte: Autor, (2020)

Os dados apontam (9) “Gravidez”, este o mais solicitado pelos alunos/as em termos de interesse, curiosidades, e dúvidas quando abordado. Segundo o docente (P1) “[...]Jo que eles mais perguntam é: Como faz engravidar, Se só tocar engravida, Se na primeira vez engravida [...] se fazer sexo oral engravida, se fazer sexo oral pega doença”. Outra dúvida bastante citada pelos docentes em relação aos alunos/as é sobre (7) “Métodos Anticoncepcionais” e “Homossexualidade”.

Em sequência (6) “IST” e “Uso de camisinha”. O docente (P2) declarou “Gravidez e DST’s os dois que a gente vê muito na escola, começam a vida sexual muito cedo.

Índice de gravidez muito alto na escola. Conteúdo “Masturbação” (5), “Diferenças genitais”, “Mudanças corporais” e “Violência Sexual” (3) e “Reprodução e Concepção” (2), observa-se que tendo em vista as mudanças no corpo, o despertar, as descobertas e curiosidades são comuns e perpassam pela construção da Sexualidade do indivíduo.

O despertar da vida sexual gera curiosidades que em grande maioria são elucidadas apenas em sala de aula quando essas dimensões são abordadas. Desse modo além da vida sexual, quando o assunto é homossexualidade ainda há uma certa repressão em como a escola deve tratar, refletindo posturas discriminatórias, intolerância, desconforto, e quando realizado somente eventualmente. Para uma compreensão dessa realidade precisa-se muitas vezes, rever preconceitos, estudar, refletir, essa conduta proporciona maior apreensão e segurança para falar de forma adequada tais questões” (LOURO, 2014; SIQUEIRA, 2012).

4.5 A SEXUALIDADE NA ESCOLA

Quando questionados sobre quais os temas mais importantes no trabalho de Orientação Sexual no ambiente da escola. Citaram: “Sexualidade na Adolescência”, “Gravidez na Adolescência”, “IST”, “Gênero”, “Métodos Contraceptivos”, “Primeira relação sexual”, “Violência Sexual”, “Homossexualidade”, “Mudanças corporais”, “Aborto”, e etc. Os professores atentam-se na importância de ministrar os conteúdos referentes as mudanças corporais, psicológicas, sociais e culturais do sujeito. Muitos docentes justificaram: (P1) *“Trabalhamos o projeto sexualidade na adolescência [...], é um conjunto de muita coisa que envolve inclusive sexo, sexo é parte da sexualidade, mas sexo não é só sexualidade, sexualidade contém a informação sobre o sexo, então nós trabalhamos tudo, métodos contraceptivos, trabalhamos gravidez na adolescência, aborto, [...] trabalhamos reprodução humana, envolvendo o conhecimento do corpo, os órgãos e suas funções”*.

Mesmo com a disseminação sobre sexo, primeira relação, métodos contraceptivos, e IST, nas escolas o aumento de gravidez na adolescência continua crescente, como relata (P3) *“Hoje em dia a questão de gênero, de opção sexual, de orientação sexual e os contraceptivos, e não é nem o uso dos contraceptivos, mas porque não se faz o uso, porque está tendo tanta disseminação de algumas doenças, porque tem tanta gravidez indesejada. Essa questão mais dos problemas”*. Segundo

o (PCN, Orientação Sexual), os temas polêmicos da sexualidade abrangem uma compreensão ampla da realidade, demandam estudo, são fontes de reflexão e exigem maior preparo dos educadores (p.306).

Como profissional da educação, foram indagados se consideram importante a relação do tema transversal sexualidade com os conteúdos adotados no 8ºano do Ensino Fundamental. Os resultados demonstram que (13) professores concordam com a importância da relação na disciplina de Ciências com tais temas. Algumas justificativas incluem: (P5) *“Sim pois nessa série trabalho o corpo humano”*, outro professor complementa (P7) *“Com acesso a meios de comunicação, são expostos a todo instante com conteúdo acerca de sexualidade e abuso sexual de ambas as partes. Desse modo, torna-se fundamental instruir da forma adequada os adolescentes, que por falta de instrução acabam cometendo erros que afetam sua vida e de outros.”*

Ao serem perguntados sobre as maiores dificuldades para desenvolver o trabalho com a temática Orientação Sexual nas escolas. Obtivemos o seguinte resultado dos docentes: (3) desmotivação/professor, (2) dificuldade em abordar o tema, (2) falta de conhecimentos sobre o conteúdo, (2) falta de apoio da equipe pedagógica, (4) “Outros” e (0) “Falta de conhecimento/conteúdo”.

Nas outras justificativas encontram-se “Preconceito”, “Falta de materiais para a aula”, “Desatenção dos alunos”, e “tempo” (P1) indagou *“Na sala de aula é só o tempo. Porque a gente tem pouco tempo, a carga horária da disciplina que é pequena, a gente poderia fazer mais[...]”*, ou seja, com uma carga horária contendo muitos conteúdos, dificulta a abordagem de forma mais aprofundada dos temas voltado a Sexualidade. Assim, mesmo considerando desmotivação e falta de apoio escolar como um fator para não desenvolver esse trabalho educativo, a maioria entende o quanto é importante agregar esses conhecimentos.

Sobre acharem que a escola deveria oferecer treinamento/capacitação aos professores para tratar do tema, justificando suas respostas. Os resultados mostram (3) “Não”, dentre as negações alguns argumentaram:

P1: *“Bom a escola não! Mas a SEMEC, a gente tem formação, e lá são trabalhados vários temas, inclusive em 8º ano são trabalhados esses temas. Nós do município temos essa formação, mensal e quinzenal.”*

P3: *“Eu acho que não aos professores, mas assim como é um assunto que eles vão ver só no 8º ano, acho que deveria ter uma sugestão é que se faça*

dinâmicas, que se use alguma metodologia pra desde cedo tentar mostra a diferença, a diversidade, trabalhar a questão da diversidade [...]”

Nos relatos cogitaram que os órgãos governamentais de educação poderiam ofertar essa formação aos docentes, e desse modo promover a interdisciplinaridade no desenvolvimento de métodos que procurem melhores maneiras para implementar suas práticas pedagógicas.

Diante das (10) afirmações, houveram respostas associadas ao preparo docente, questionando que nem sempre a formação capacita totalmente para trabalhar esse conteúdo, conforme os relatos:

P11: *“Sim. Qualquer assunto o professor deve estar capacitado.”*

P12: *“Sim, como forma de várias áreas abordarem de forma interdisciplinar o assunto e suprir sua ausência na grade curricular.”*

Os professores demonstram que é possível haver a mobilização de todos para promover a relação com as demais disciplinas, através de estratégias adaptáveis ao ensino, além de uma formação continuada que depende do interesse em buscar aprendizagem sobre o tema.

Quando perguntados se recebeu formação continuada para abordar essa temática, (4) relatam ter feito formações por conta própria, pelo Estado, por meio de culminância e projetos, (9) negaram receber qualquer formação. De acordo com os docentes, não há investimento das instituições e apoio pedagógico para tal formações/capacitação. Os discursos confirmam a importância, porém não obtiveram em suas formações iniciais aprendizagem específica, e alegam não receberem nenhum incentivo escolar sobre o tema que agreguem a suas experiências profissionais, exceto se realizado exclusivamente a partir do interesse individual.

Sobre os professores necessitarem de capacitação específica para trabalhar com orientação sexual, (11) consideram essencial essa preparação para abordar os temas relativos a orientação, alegando *“para que se sintam preparados e saibam orientar corretamente os alunos”, “saber como se expressar a respeito de determinados termos”,* e acrescentando que essa capacitação é ainda mais importante *“principalmente aos professores que não são de Biológicas, uma vez que não possuem destreza com nomenclaturas, processos e funcionamento do corpo”.*

Vale destacar que (2) negaram, permitindo encarar uma realidade no qual demonstra o descompasso no pensamento de alguns professores/as em não acreditar que sua prática docente pode gerar mudanças de atitudes e comportamentos nos sujeitos.

Quando perguntados se sentem-se à vontade para conversar e esclarecer dúvidas sobre sexualidade com seus alunos (8) confirmaram, (1) pouco à vontade, (3) bastante à vontade, (1) “Outros”, (P7) *“Em partes. Com os alunos eu fico muito à vontade. Mas tenho receio de ser questionado ou coagido por pais e direção da escola”*. Ou seja, a maioria dos professores/as possuem uma relação aberta com os alunos/as, permitindo tranquilidade ao contextualizar sobre Sexualidade.

Os professores relataram ao longo do estudo já ter trabalhado com diversos temas da Orientação Sexual e Sexualidade, afirmando abordarem os conteúdos para além do biológico, envolvendo os aspectos sociais, culturais.

Entretanto percebe-se uma contradição nos discursos dos docentes gerando uma certa desconfiança de como foi desenvolvido esse trabalho em sala. Já que os docentes nos seus relatos afirmaram nunca ter passado por uma formação/capacitação específica na área. Ou seja, provavelmente cada um trabalhou ao seu modo sem uma orientação adequada de como associar na prática conteúdo das ciências biológicas nas turmas de 8º ano com as dimensões sócio culturais do corpo, da sexualidade, do gênero, e de orientação sexual que refletem as dimensões sociais e culturais em que vivemos.

Os relatos confirmam que ainda que os docentes se esforcem para dar conta de ensinar os seus conteúdos curriculares, é visível a desarticulação entre esses conteúdos com as dimensões definidas nos documentos como a PCN, relacionada ao Tema Transversal Orientação Sexual; Princípio da Equidade (construção da igualdade com atenção as diferenças). Para tanto o caminho mais vantajoso seria o da continuidade da formação, e aprimoramento das discussões. Só assim, essas temáticas passarão a ser incluídas, debatidas e ressignificadas no interior das escolas e na sociedade como um todo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão de Sexualidade, Gênero e Diversidade Sexual apesar dos avanços, ainda são considerados grandes “tabus” nos ambientes familiares, sociais e até escolares. O estudo revela que os professores de ciências que atuam no 8º ano

do Ensino Fundamental II, possuem algum conhecimento a respeito dos conteúdos sobre Sexualidade, e Orientação Sexual proposto nos parâmetros curriculares. Mas são insuficientes ao considerarem a articulação destes com o conteúdo curricular específico (fisiologia do corpo, reprodução e outros) para ser trabalhado em sala de aula.

Para o debate nas escolas sobre Sexualidade os professores afirmaram por meio de seus discursos que estão capacitados para trabalhar esses conteúdos transversais, mesmo que sua formação priorize os aspectos biológicos. No entanto os próprios docentes reconhecem que essa abordagem exige cautela pela complexidade do tema.

De acordo com seus depoimentos as informações a respeito de Sexualidade, Sexo, Diversidade e Gênero chegam as crianças/adolescentes de várias formas hoje, principalmente através da internet e televisão. O excesso de informações dificulta a filtragem para os conhecimentos que realmente importam, gerando muitas dúvidas e causando distorção a respeito do assunto. Cabendo a escola, e principalmente aos docentes desmistificar e promover uma melhor compreensão aos nossos alunos e alunas.

Embora existam dificuldades na disseminação da Educação Sexual, os professores procuram de forma individual trabalhar em sala de aula utilizando diferentes métodos: projetos, debates, vídeos, dentro do conteúdo desta maneira procurando relacionar aos aspectos biológicos estudados no currículo regular. Contudo ainda que se esforcem pela ausência de uma formação específica sobre a temática, seus conhecimentos são executados apenas de modo geral e não aprofundados com propriedade.

Como os jovens têm iniciado sua vida sexual cada vez mais cedo, muitas dúvidas são geradas e foi possível observar como os conteúdos de gravidez, relação sexual, métodos contraceptivos, doenças sexualmente transmissíveis, mudanças corporais e questões de gêneros são de imenso interesse para os alunos/as. Isso demonstra a importância e a necessidade da relação dos conteúdos das Ciências Biológicas, com as dimensões, psicológicas e emocionais, trazendo o *Tema Transversal Orientação Sexual*, onde se lê que “Criar espaços para reflexão e debate, justamente dessas questões, sem personaliza-las, é o que pode ajudar os jovens a passar por essa fase com menos angústias e turbulências, e sem precisar armar uma

couraça protetora/repressora ou transformar a sexualidade em expressão de rebeldia.” (BRASIL, 1998, p. 301).

Diante do exposto elencamos algumas sugestões para um melhor desempenho dos docentes que já atuam como também para os futuros professores. Promover por parte das instituições formadoras de licenciados nas Ciências Biológicas uma revisão dos currículos de forma a refletir o contexto aqui apresentado de dificuldades em trabalhar tais temáticas por não ter feito parte do processo inicial de formação.

Os gestores precisam compreender a necessidade e a importância de ofertar formação continuada para esses profissionais considerando as mudanças das relações entre os sujeitos, as variadas identidades de gênero e o exercício da Sexualidade.

De forma permanente o docente deve buscar atualizar seus conhecimentos sobre temas como orientação sexual incluindo diferenciação e articulação entre os conceitos de Sexo e Sexualidade, Gênero e Identidades de Gênero, associando e refletindo de forma correta a dimensão biológica. Todas as questões de educação sexual apresentada aos alunos/as como aspectos do corpo, fisiologia, e anatomia possuem relação com as questões psicológicas, sociais e culturais. Os docentes devem aplicar esses conhecimentos na prática para promoção de uma educação que reconheça e respeite as diferenças, que não reproduza estereótipos, que não trate as diferenças como patologias e que não julgue e sim que promova o acolhimento, gerando e despertando o autocuidado, o respeito e a equidade.

REFERÊNCIAS

- APPOLINÁRIO, F. **Coleta e tabulação de dados quantitativos**: metodologia científica-filosofia e prática da pesquisa. São Paulo: Thomson Learning, 2006.p.133-144.
- ARÁN, M. A transexualidade e a gramática normativa do sistema sexo-gênero. *Ágora*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 49-63, jan/jun, 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982006000100004. Acesso em: 23out.2020.
- BRASIL, Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466/12**. Dispõe das Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília, 2012. Disponível em: <<https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>>. Acesso em: 14out. 2020.
- _____. Base Nacional Comum Curricular (**BNCC**). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 6nov.2020.
- _____. Parâmetros Curriculares Nacionais (**PCN**)- Orientação Sexual/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, v. 10, p.285-336. 1998. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/pcn/orientacao.pdf>>. Acesso em: 4. Out,2020.
- DELORS, J. Educação: um tesouro a descobrir. São Paulo, Ed.8. Editora: Cortez; Brasília, DF: MEC: UNESCO, 2003.
- FÁVERO, M. L. A. Universidade Estágio Curricular, subsídios para discussão. In ALVES, Nilda. (org) **Formação de professores: pensar e fazer**. São Paulo, Cortez, 1992.
- FIGUEIRÓ. M. N. D. Educação Sexual: retomando uma proposta, um desafio. Londrina. Ed. UEL, 1996, 190p. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/141131023-Educacao-sexual-e-a-formacao-de-professores-uma-proposta-para-a-formacao-inicial-dos-licenciandos-em-ciencias-naturais-fup.html>>. Acesso em: 05.jun.2020.
- FIGUEIRÓ. M. N. D. Educação sexual: em busca de mudanças (Org.). Londrina. UEL, 208p. 2009. Disponível em: https://www.cepac.org.br/blog/wp-content/uploads/2011/07/Educacao_Sexual_Em_Busca_de_Mudancas.pdf. Acesso em: 19abr.2020.
- GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5.ed. São Paulo: Ed. Atlas, 198p. 1999. Disponível em: <[https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9nicas-de-pesquisa-social](https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9nicas-de-pesquisa-social.pdf)>.pdf. Acesso em: 14abr.2020.

GRAZZIOTIN, S.S.L. Ciências naturais, gênero e corpo: uma abordagem pós-estruturalista, 2009. In Gênero educação e política: múltiplos olhares. BRABO M. T. S. A. (org.); coordenação Diamantino Fernandes Trindade, São Paulo, Ícone, 2009.

LANDINI, T. S. O professor diante da violência sexual. **Coleção educação e saúde**. São Paulo: Cortez. v.4, 2011. In XAPED SUL A identificação da violência sexual em crianças e adolescentes no espaço escolar: limites e possibilidades de enfrentamento na voz dos professores. GAGLIOTTO. G. M. VAGLIATI. A. C. Florianópolis, 2014.

SILVA, L. A. Sexualidade, saúde sexual e Medicina sexual: panorama atual. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, Rio de Janeiro, v.31, n.12, Dec. 2009. Disponível em:<https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S01002032009001200001&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: 21. Set, 2020.

LOURO, G.L. Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista. Ed.16, Petrópolis, RJ: Vozes,2014.

LUCKESI, C. C. Filosofia da educação. São Paulo: Cortez, 1992. In: **OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE- Produções Didático-Pedagógicas**/Sexualidade: uma proposta de orientação para o 8º ano do Ensino Fundamental, RIBEIRO. C. A. Paraná, v. II, 2013 Curitiba. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_utfpr_cien_pdp_cleonice_aparecida_ribeiro.pdf>. Acesso em: 20out.2020.

LUDINARDI, M.L. Gênero e diversidade sexual na escola: a urgência da reconstrução de sentidos e de práticas, Campos Ciênc. educ. (Bauru), vol.21. no.4, Dec., 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132015000400001>. Acesso em: 08. Set. 2020.

SANTOS, D. B. C.; ARAUJO, D. C. Sexualidade e Gêneros: questões introdutórias. In: PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Dep. da Diversidade. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. Sexualidade. Cadernos Temáticos da Diversidade. Curitiba: SEED, 2009. Disponível em:<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_cien_uenp_marciareginagavinomendes.pdf>. Acesso em: 01 nov.2020.

SELLTIZ, C.; WRIGHTSMAN, L. S.; COOK, S. W. Métodos de pesquisa das relações sociais. São Paulo: Herder, Ed. EPU, 687p.1965.

SFAIR, S. C.; BITTAR, M.; LOPES, R. E. Educação sexual para adolescentes e jovens: mapeando proposições oficiais. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 620-632, 2015. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-12902015000200620&script=sci_arttext>. Acesso em: 19. Set. 2020

SIQUEIRA, S. Contribuições sobre a Temática Diversidade Sexual no Contexto Escolar. Jaboti, 2012. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_dtec_unioeste_ednaaparecidadasilva.pdf> Acesso em: 22jul. 2020.

SILVEIRA, M. J. M. Sexualidade, 1999. In: **OS Desafios da Escola Pública Paranaense na perspectiva do professor**. PDE Produções Didático- Pedagógicas. Paraná, 2014. Disponível em:<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_uel_bio_pdp_cleide_aparecida_barbosa_bordignon.pdf>.Acesso em: 9maio.2020.

SUPLICY, M. Conversando sobre sexo. Petrópolis, RJ. Vozes, 1983.

SPINK, M. J. **Linguagem e produção de sentidos no cotidiano**. Centro Eldestein de Pesquisas Sociais. Rio de Janeiro, 2010.

TARENFI, J. A. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor -PDE Produções Didático-Pedagógicas**: O papel da educação na sexualidade do indivíduo: a educação sexual na escola. Paraná: Vol. II, 2013, 28 p. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_uenp_cien_pdp_jorgina_aparecida_tanferi.pdf>. Acesso em: 30 set. 2020.

UNFPA. Adolescent Pregnancy. **A review of the evidence.” Subdivisão de População e Desenvolvimento**. Divisão Técnica, Nova York, outubro, 2013. Disponível em: <https://crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/unfpa/swp_2013.pdf>. Acesso em: 26set.2020.

VIANNA, C. Gênero, Sexualidade e Cultura Escolar: Desafios para as Políticas e Práticas Educativas, 2010. In. Gênero, educação, trabalho e mídia. BRABO M. T. S. A. (org.); coleção conhecimento e vida, coordenação Diamantino Fernandes Trindade, São Paulo, Ícone, 2010.

VIOTTI, M. L. R. **Declaração e Plataforma de Ação da IV Conferência Mundial Sobre a Mulher. Pequim**. p.148-258, 1995. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2013/03/declaracao_beijing.pdf>. Acesso em: 20, Set, 2020.

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO/RESPONSÁVEIS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO- TCLE BASEADO NAS DIRETRIZES NA RESOLUÇÃO CNS Nº 466/2012

Prezado(a) Colaborador(a)

Esta pesquisa faz parte do projeto intitulado **Educação e diversidade: Compreensão dos(as) professores(as) de ciências no ensino fundamental sobre reprodução humana e sexualidade** e está sendo desenvolvida por Kaely Moraes Dos Santos do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do IFPI/Campus Teresina Central, sob a orientação da professora/Mestre Luciana Farias de Araújo Andrade.

Os objetivos do estudo são analisar a compreensão dos professores(as) de ciências ao abordar o conteúdo de reprodução humana, investigando as reflexões dos(as) docentes em torno da diversidade sexual, verificando preconceitos e tabus em torno da sexualidade. Com finalidade de contribuir para a qualidade de ensino e aprendizagem dos(as) estudantes participantes do projeto.

Solicitamos a sua colaboração para entrevistas contendo perguntas semi-estruturadas, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de saúde, educação e áreas afins e publicar em revistas científicas nacionais e/ou internacional. Por ocasião da publicação dos resultados, o nome do(a) entrevistado(a) será mantido em sigilo absoluto.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária, e, portanto, não é obrigado(a) a fornecer às informações e/ou colaborar com às atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificações na assistência que vem recebendo na Instituição (Se for o caso). Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Assinatura da pesquisadora- Orientanda
Kaely Moraes Dos Santos
Matrícula 20161bio0230

Assinatura da pesquisadora- Orientadora
Luciana Farias de Araújo Andrade
SIAPE 1612926

Considerando que fui informado(a) dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). Estou ciente que receberei uma via deste documento.

Teresina/PI ____ de ____ de ____.

Assinatura do Colaborador

Contato com o(a) pesquisador(a) responsável: Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para a pesquisadora Kaely Moraes Dos Santos, Telefone: (86) 98119-4020 ou para o email: Kaelysanti@gmail.com Professora orientadora Luciana Farias de Araújo Andrade, Telefone: (86) 9510-3684 ou para o email: lucianasociologa@ifpi.edu.br.

APÊNDICE B

QUESTIONÁRIO-DOCENTE

01-Qual sua formação acadêmica?

- () Graduação em _____
() Especialização em _____
() Mestrado em _____
() Doutorado em _____

02-Local de formação (Instituição/UF) _____

Data da conclusão _____

03-Tempo de atuação docente _____

Sexo: () Masculino () Feminino

.Idade: () 20-30 anos () 41-50 anos () 31-40 anos () Mais de 51 anos

04- Você tem conhecimentos sobre o tema transversal sexualidade?

05- Você conhece as orientações das PCNs a respeito da “Orientação Sexual na escola”? Se sim, o que você sabe a respeito?

06-De acordo com sua experiência profissional, acredita que no contexto atual faz-se necessário trabalhar o ensino de sexualidade nas salas de aula?

Sim () Não ()

07-Como professor(a) de ciências, você se considera capacitado para tratar sobre sexualidade com os alunos?

Sim () Não() Pouco preparado() Bem preparado() Outros ()

08-Como educador, você sente algum medo ou receio ao falar de sexualidade com os alunos?

() sim . Qual? _____ () não

09- Você já trabalhou com o tema Sexualidade em suas aulas?

() dentro do conteúdo

() vídeos/textos

() projeto () debate () outros _____

() Não. Explique porque não aborda o tema em suas aulas: _____

10-Considera importante ter esse conhecimento para sua prática docente?

11-Você Acha que a família cumpre seu papel em relação a informações sobre sexualidade?

12-Qual desses meios você acredita que mais influenciam o conhecimento sobre sexualidade nas crianças/adolescentes?

() Televisão

() Internet

() Brincadeiras meninos/meninas

() Informações transmitidas pelos pais

() Filmes

() Outros: _____

13- Em sua opinião, qual é a maior dúvida das crianças referente a sexualidade?

() Gravidez () Métodos anticoncepcionais () DSTs () Uso de camisinha () Diferenças genitais () Mudanças corporais () Masturbação () Reprodução/concepção () Homossexualidade () Violência sexual () Nenhuma () outras:

14- Em sua opinião, quais os temas mais importantes no trabalho de Orientação Sexual na Escola?

15- Como profissional da educação, considera importante a relação do tema transversal sexualidade com os conteúdos adotados no 8ª ano de ensino fundamental? Justifique.

16- Quais as maiores dificuldades para desenvolver o trabalho de orientação sexual na escola?

() Desmotivação/professor

() Dificuldade na abordagem do tema

() Falta de conhecimento/conteúdo

() Falta de apoio da equipe pedagógica

() Outros _____

17- Você acha que a escola deveria oferecer treinamento aos professores para tratar do tema? Porquê?

18- Recebeu formação continuada para abordar essa temática?

19- Você Acha que os professores necessitam de capacitação específica para trabalhar com orientação sexual? Por quê? _____

20- Você se sente a vontade para conversar e esclarecer dúvidas sobre sexualidade com seus alunos?

() Sim () Não () Pouco a vontade () Bastante a vontade ()

Outros _____